



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA PLENA

Thales Augusto de Mello Villar de Souza

O NAUFRÁGIO DA RAZÃO:
Karl Jaspers e a Condição Existencial do Sujeito Contemporâneo

SEROPÉDICA
2026



	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA PLENA	 PROPPG Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
---	---	---

Thales Augusto de Mello Villar de Souza

O NAUFRÁGIO DA RAZÃO:

Karl Jaspers e a Condição Existencial do Sujeito Contemporâneo

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Filosofia.

Orientador(a): Prof^o Dr. Francisco José Dias de Moraes

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central/Central de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
Com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S719on Souza , Thales Augusto de Mello Villar de, 1999-
O NAUFRÁGIO DA RAZÃO: Karl Jaspers e a Condição
Existencial do Sujeito Contemporâneo / Thales Augusto
de Mello Villar de Souza . - Seropédica, 2026.
30 f.

Orientador: Francisco José Dias de Moraes Moraes.
Trabalho de conclusão de curso(Graduação). --
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
Licenciatura Plena em Filosofia, 2026.

1. Existência. 2. Karl Jaspers. 3. Sociedade do
Cansaço. 4. Subjetividade. 5. Razão. I. Moraes,
Francisco José Dias de Moraes, 1969-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Licenciatura Plena em Filosofia III. Título.

É permitida a cópia parcial ou total desta TFC/Dissertação/Tese, desde que seja citada a
fonte

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA PLENA

THALES AUGUSTO DE MELLO VILLAR DE SOUZA
O NAUFRÁGIO DA RAZÃO: Karl Jaspers e a Condição Existencial do Sujeito
Contemporâneo

Trabalho Final de Curso submetida como requisito
parcial para obtenção do grau de Licenciatura
Plena em Filosofia.

Trabalho Final de Curso aprovada em 02 de julho de 2026.

BANCA EXAMINADORA:

Profº Dr. Francisco José Dias de Moraes - Orientador – UFRRJ

Profº Dr. Renato Valois Cordeiro - Membro interno – UFRRJ

Dr. Ícaro Meirelles Figueiredo - Membro externo

Dedico esse trabalho aos meus pais, por me apresentarem o
caminho à docência e a importância do mesmo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço do fundo do meu coração as desavenças que eu tive no decorrer da minha vida, a todos os párias que já vi. E não menos importante, os meus familiares e amigos que me auxiliaram nessa jornada até aqui. Assim como a oportunidade que tive de estudar em uma instituição federal localizada na minha região, Baixada Fluminense e ter a oportunidade de presenciar os conhecimentos que estão sendo pensados por gente como a gente, como é o caso do meu orientador professor Francisco que topou essa proposta de trabalho e teve toda a paciência de entender a natureza, não tão técnica mas existencialmente pertinente em algum ponto.

RESUMO

SOUZA, Thales Augusto de Mello Villar de . **O NAUFRÁGIO DA RAZÃO: Karl Jaspers e a Condição Existencial do Sujeito Contemporâneo** 2026. 30f Trabalho Final de Curso Licenciatura Plena em Filosofia - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2026 do Trabalho Final de Curso Licenciatura Plena em Filosofia.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a Filosofia Existencial de Karl Jaspers, enquanto possibilidade crítica para compreender a condição humana na contemporaneidade. Partindo de suas obras, busca-se investigar os conceitos de existência, autenticidade, razão e transcendência diante das transformações subjetivas produzidas pela modernidade tardia. A pesquisa então, inicia-se na compreensão de que a crise contemporânea ultrapassa dimensões econômicas e sociais, atingindo dessa maneira diretamente a subjetividade humana, marcada pelo esgotamento, pela massificação e pela perda da experiência autêntica do existir. Nesse sentido, estabelecendo um diálogo teórico com Byung-Chul Han, especialmente a partir da obra *Sociedade do Cansaço*, visando assimilar as formas contemporâneas de alienação, opressão e silenciamento crítico.

Metodologicamente falando, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamentada na análise filosófica e hermenêutica das obras selecionadas. Concluindo portanto que o pensamento de Karl Jaspers permanece atual ao oferecer instrumentos filosóficos para refletir sobre a existência humana, liberdade e as possibilidades de resistência ética diante da crise da subjetividade contemporânea.

Palavras-chave: Existência; Karl Jaspers; Razão; Sociedade do Cansaço; Subjetividade

ABSTRACT

SOUZA, Thales Augusto de Mello Villar de. *The Shipwreck of Reason: Karl Jaspers and the Existential Condition of the Contemporary Subject.* 2026. 30 pp. Final Undergraduate Thesis submitted in partial fulfillment of the requirements for the **Bachelor's Degree in Philosophy Teaching (Licentiate)**, Institute of Human and Social Sciences, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, Brazil, 2026.

This study aims to analyze the Existential Philosophy of Karl Jaspers as a critical possibility for understanding the human condition in contemporary society. Based on his works, the research seeks to investigate the concepts of existence, authenticity, reason, and transcendence in the face of the subjective transformations produced by late modernity. The study begins from the understanding that the contemporary crisis goes beyond economic and social dimensions, directly affecting human subjectivity, which is marked by exhaustion, massification, and the loss of the authentic experience of existence. In this sense, the research establishes a theoretical dialogue with Byung-Chul Han, especially through the work *The Burnout Society*, aiming to understand contemporary forms of alienation, oppression, and critical silencing.

Methodologically, this is a qualitative bibliographical research grounded in philosophical and hermeneutic analysis of the selected works. The study concludes that Karl Jaspers' thought remains relevant by offering philosophical tools to reflect upon human existence, freedom, and the possibilities of ethical resistance in the face of the contemporary crisis of subjectivity.

Keywords: Existence; Karl Jaspers; Reason; Burnout Society; Subjectivity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 KARL JASPERS E A FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA	11
1.1 O LIMITE DOS MODOS COMO MEIO À AUTENTICIDADE	14
1.2 - EXISTENZ NA LITERATURA	18
2 SOCIEDADE DO CANSAÇO E O ESGOTAMENTO SUBJETIVO	21
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
4 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS	29

INTRODUÇÃO

Escrever sobre a existência é, em muitos sentidos, inevitável dentro da filosofia. A pergunta sobre o sentido da vida e o lugar do ser humano no mundo sempre esteve presente no pensamento filosófico, e embora não tenha uma resposta definitiva, continua sendo uma das questões mais recorrentes da tradição ocidental. Partindo desse princípio, e fazendo um recorte importante a partir do século XIX, podemos ver respostas fortes e pertinentes atualmente, como os escritos pelos seguintes autores: Soren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche e Arthur Schopenhauer, e, mais tarde, após a Segunda Guerra Mundial, com Karl Jaspers, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Albert Camus. Apesar disso, deve ser destacado que não há desmerecimento ou esquecimento com sua devida importância de outros pensadores que questionaram sobre o existir anteriormente em inúmeras culturas, como os estóicos, Budismo tibetano, Taoísmo e Confucionismo.

Contudo, a escolha deste tema surgiu tanto por interesse pessoal quanto por uma inquietação filosófica. Ao tentar fugir dos caminhos mais comuns da filosofia propedêutica sobre o tema no Brasil, optei por um autor menos explorado nesse contexto: Karl Jaspers. A proposta deste trabalho é apresentar, de forma introdutória e didática, alguns aspectos do existencialismo a partir da perspectiva jasperiana, mesmo que isso envolva certas escolhas conceituais que possam parecer um pouco estranhas no primeiro momento por conta da problemática do assunto.

Sendo assim, esse trabalho busca, portanto, contribuir para o resgate de uma vertente filosófica que hoje é menos discutida, mas que tem uma certa relevância atemporal. A intenção é apresentar o pensamento de Karl Jaspers como uma porta de entrada para a reflexão sobre a existência, destacando seu valor não apenas teórico, mas também humano. Em prol das muitas problemáticas da realidade contemporânea dos dias de hoje, se faz mais do que necessário repensarmos junto a uma filosofia que fala sobre o presente. Quais as condições de autenticidade no mundo atual? A persona do homem enquanto produto definitivamente matou a capacidade de sermos nós mesmos genuinamente?

Através disso, destaco a importância do mesmo e minhas inquietações filosóficas, enquanto um ser socialmente inserido nessa realidade contemporânea que se diz “exímia” do autêntico e da razão.

1- KARL JASPERS E A FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA

Karl Jaspers, psiquiatra e filósofo alemão-suíço, viu a ascensão do nazismo na Alemanha na década de 30 e sofreu consequências por conta disso. Assim, ele questionou ativamente sobre as condições de contraste dos muitos discursos que pairavam à sua volta, para, dessa maneira, desenvolver sua teoria. Dessa forma, devemos dar espaço à filosofia Jasperiana, a fim de repensar até mesmo a relação ontológica da nossa habilidade de perceber a verdade nos discursos existentes dos dias atuais.

Em sua abordagem, Karl Jaspers, enquanto autor e desenvolvedor de uma filosofia existencialista integrada com sua primeira formação, visava contribuir para uma realidade mais humanitária. Por esse motivo, abordarei nesse texto os escritos e ideias presentes nas seguintes obras: *Filosofia da Existência*; *Introdução ao Pensamento Filosófico*; e *Caminhos para a sabedoria - uma introdução à vida filosófica*. Tenho como finalidade a compreender o caráter introdutório do conteúdo dessas obras, visto que dois de seus livros foram divulgados oralmente em palestras e rádio.

Para Jaspers, a linguagem age sob a configuração: Sujeito - Função – Objeto, o que era, por conseguinte, a capacidade de interpretar o mundo e se relacionar com o mesmo. Isto posto, o autor estipula como paradigma que essa relação sujeito-objeto do cognitivo humano afeta a relação existencial para com o Mundo que podemos ter e quem podemos ser. Desse jeito, a forma como mentalmente pensamos sobre qualquer coisa está no esquema onde um é sujeito e o outro, objeto; sendo este último material ou não. Tal estrutura explica o porquê de o homem não ter plena capacidade de consciência do absoluto ou, nos termos de Jaspers, da Transcendência.

Sabemos, assim, que não podemos fugir dessa maneira de interpretar a realidade, e foi também esta capacidade que fez o homem chegar até aqui enquanto animal pensante. Juntamente a isso, Jaspers delineia que a capacidade de reinvenção do homem, enquanto sociedade e sujeito-indivíduo, está ligada de algum jeito à Transcendência. Reforçando que objetificar a Transcendência é tentar reduzi-la, indo contra a própria natureza ontológica deste Ser absoluto que está fora do escopo epistemológico de sujeito-objeto. Como Jaspers diz:

Nenhum ser conhecido é o próprio ser. Assim, em relação ao que conheço sobre mim mesmo, nunca sou verdadeiramente eu mesmo. O que conheço do ser não é nunca o ser mesmo, o ser-em-si-mesmo. O que quer que seja conhecido, tornou-se conhecido; é, desta forma, um particular que temos captado, mas também alguma coisa que oculta e restringe. (JASPERS, 1973, p. 30).

Esta ideia qualitativa apresentada no fragmento, sobre o ser-em-si-mesmo irreduzível e inatingível, já aparece em outros autores na história da filosofia. Entretanto, há um que inspira claramente essa movimentação argumentativa e interpretativa sobre os escritos de Karl Jaspers e este é Immanuel Kant. Seja pelo contraste entre experiência e razão, seja no alinhamento perante as antinomias.

Kant coloca que nos limites do conhecimento e do que se conhece, encontra-se uma aparente contradição, onde há uma demonstração nossa de passar estas limitações que o autor entende, ao modo que chegamos nesse impasse epistemológico. Como o exemplo, se existe livre arbítrio ou determinismo. Ou seja, o objeto do pensamento é sempre um objeto representativo, contudo, nunca o objeto em si mesmo. Desta maneira, essa fenomenalidade do real é crucial em Kant.

À primeira vista, seria possível dizer que, sendo essas antinomias insolúveis, nada tiramos daí.. Entretanto, a observação de Jaspers converge justamente nos questionamentos desses limites insolúveis no que tange a existência humana e o que se pode descobrir com isso. Não obstante a situação de Kant, Jaspers vai integrar seu olhar psiquiátrico a essas contradições que se tem nas ocorrências fatídicas de adversidade da vida, como meio de relutantemente chegar-se a uma Existência diferente ou autêntica.

Diante disso, Karl Jaspers focaliza algo que ele chama de Realidade Abrangente. Um sistema ontológico representativo para uma análise da Existência e Mundo que chega a contradições como as antinomias kantianas. No que concerne à configuração relacional sujeito-objeto, o filósofo separa sujeito e objeto em Modos Imanentes e Transcendentes.

Entendendo, primeiramente, que Modos Imanentes são elementos que estão contidos na realidade, ou do que conhecemos por realidade, Transcendente é algo além da realidade comum, como uma cor nunca antes vista, um sabor nunca sentido previamente, um cheiro indecifrável até mesmo a um boticário.

Prosseguindo com essa compreensão, começarei pelos Modos Imanente e Transcendente do Objeto por parecerem mais simples mediante ao restante abordado por Karl Jaspers. Cada deles é chamado, respectivamente, de Mundo e Transcendência. Sendo o Mundo o que entendemos por realidade e onde supostamente está o ser-em-si-mesmo, inalcançável de vias óbvias mas sempre como caminho de ser interpretado por novos símbolos, ocasionando em uma mudança relativa ao Mundo perante o tempo. Seguindo assim, a Transcendência, como modo transcendente do objeto, está posta enquanto horizonte de possibilidades dos Mundos ainda não existentes. Em vista disso, a mudança no Mundo só é percebida quando já implementada, independente de ser contínua, abrupta ou revolucionária.

Diante dessa abordagem, as condições dos Modos do Sujeito Imanente e Transcendente atuam e aparecem, não enquanto Realidade Abrangente concluída, mas como um novo horizonte interpretativo independente do Ser. O primeiro Modo Imanente do Sujeito destacado será a Existência propriamente dita, designado com o termo *Dasein*¹ por Jaspers. Este primeiro Modo é no que tange a existência vivida, empírica por cada um de nós, onde cada um é unidade de si, inigualável a outro, situado no tempo e espaço do Mundo.

Destarte esse primeiro modo, que nos dá unidade individual, temos o segundo modo que complementa esse esquema Imanente do Sujeito, que Jaspers chama de Consciência-em-geral. Sendo neste Modo, que habita o discurso científico, a racionalidade como paradigma, o Mundo como é representado pelas ciências de maneira normativa. Dando a possibilidade de comunicação dialética das unidades, Existência, em relação aos universais que é a Consciência-em-geral.

Seguindo adiante, dessa dinâmica, temos o terceiro Modo que incorpora uma espécie de síntese dos modos anteriores, entretanto, não é somente isso. Este sendo chamado de Espírito, onde a historicidade, a universalidade ganha contexto de totalidade com as pessoas. Onde permeia o discurso da tradição, religião e ideologias. Formadas pelo meio dialético, unidade historicizada e universalidade, onde o discurso da ciência e das coisas vividas são traduzidas como ideias, convicções de vida. Sempre se atualizando com as novas existências que temos ao decorrer do tempo em meio ao contraste do discurso científico que também avança.

¹ A utilização que faz Jaspers do termo *Dasein* deve ser diferenciada da que faz Heidegger. Onde um utiliza em sentido ordinário, e o outro técnico, respectivamente. Sendo o único termo técnico, Jaspers, o *Existenz*.

Conforme essa breve explicação sobre os Modos Imanentes do Sujeito e Objeto é possível ver, derivando de suas definições, ao decorrer do desenvolvimento da Realidade Abrangente, o indicativo simbólico do que cada um desses Modos previamente está atrelado. A Existência, a vida nua e crua, enquanto a opinião que temos e remodelamos conforme os fatos. A Consciência-em-geral como a conquista do homem de superar não só o encaixe da opinião pessoal, mas pelo apontamento jasperiano, da tentativa de superar uma inconfiabilidade no Mundo, no que diz respeito à previsão de fenômenos para maior controle sobre a natureza, assim como maior entendimento sobre os homens enquanto objeto de estudo científico. Seja na área de ciências humanas, natureza ou exatas, Jaspers vê a notoriedade da Consciência-em-geral como uma universalidade que tenta acalantar essa condição de desconfiança plena no Mundo e suas estruturas.

Tamanha tentativa de superação dessa inconfiabilidade também está presente no plano do Espírito, que, por sua vez, é o que sustenta as tradições e religiões junto ao fomento pessoal de cada um, seja em fé ou em prática da tradição. Desta maneira, simbolicamente, como ele indica no livro *Caminhos para a Sabedoria*, a Existência está para filosofia pela curiosidade e espanto, a Consciência-em-geral para a Ciência e, o Espírito, para a fé.

Onde, provém dessa relações congruentes dos Modos e suas sobreposição de sentido sobre a realidade nunca se fechar de maneira circular, mas sim, como a própria proposta de Jaspers diz abranger, algo que está para além do óbvio da razão, ou seja, da Imanência. Enquanto o Modo Transcendente do Sujeito é um indicativo de possibilidade de Liberdade, Autenticidade e Espontaneidade em nós, que o autor chama de *Existenz*, termo alemão para existência que conceitualmente fica como a Existência Autêntica que se mostra em nuances nos Modos de sua filosofia. Vindo dessa abertura de novos sujeitos existirem, ela está sempre em inferência à Transcendência como horizonte de eventos inalcançável, contudo numa circularidade abrangente para novas possibilidades de Ser-no-mundo e do Mundo mudar perante nossas ações.

1.1 - O LIMITE DOS MODOS COMO MEIO À AUTENTICIDADE

Em vista de todo esse plano esquemático, provindo do entendimento das limitações sujeito-objeto, ao inalcançável encapsulamento do Ser absoluto como abordado até então, os

Modos Imanentes do Sujeito agem como lentes para realçar um pouco dos discursos que permeiam nossa vida como senso comum, ciência, opinião, tradição, religião dentro do Mundo em que vivemos, espaço-temporalmente limitados ao presente, junto a todo o passado que nos precede e dá contexto ao Mundo como é no agora em que estamos vivos. Ocasionalmente nos proporcionamos encontrarmos diariamente contradições, seja no ambiente das conversas ou dos atos, elas estão lá, e, diferentemente da ciência e da filosofia que não suportam sistematicamente essa natureza incongruente, a fé ou tradição dependendo do que seja ela pode ser sustentada por contradições. Contudo, o que quero analisar não é se essas contradições são válidas ou não, mas a pertinência que elas possuem em nossas vidas, momentos que se mostram contraditórios, ilógicos, inexplicáveis à lupa da razão. Porém, onde temos que escolher, agir de maneira contingente e neste ato há mudança de qualquer que seja ela sobre o agente.

Essas contingências fáticas da vida são cunhadas pelo nosso autor como situações-limites, ou situações-limítrofes, que em paralela às antinomias de Kant, que dispõem nas contradições insolúveis da razão, demonstrar positivamente que estamos indo além do que conseguimos no atual conhecimento, Jaspers disserta que tais situações no quesito existencial nos lançam neste para além do Imanente, mesmo fazendo parte dele, como possibilidade de Espontaneidade, Liberdade e Autenticidade.

Então, de fato, o que são essas situações-limites? São situações da vida que todos experienciam, cada um à sua maneira, como morte, fracasso, culpa, luto. Nesta qualidade de fatos o discurso normativo dado pela ciência, a palavra de fé, a opinião tida com a experiência, nenhum deles dá conta sozinho sobre esse tipo de contingência da vida. Todos nós, vamos experimentar a morte, uma única vez, e o que isso causa na vida de cada um conscientemente é diferente, como a resolução de sentir medo da morte é algo que cada um tem que superar ou aprender a conviver com isso na vida. Jaspers sustenta que é, nessas situações que mudamos para sermos autenticamente nós mesmos, e que sempre estamos em busca desse Eu autêntico infindável.

Isto significa que, nesses momentos de infortúnios, nessas “escolhas de Sofia”, se abre a possibilidade para a Existenz. Pois, enfrentamos a limitação de nós mesmos e temos que passar por isso, escolhendo, sendo escolhido. Viver com a sensação de culpa sobre aqueles que amamos e prezamos, conviver com essa culpa, se naufragar nela, tudo isso são escolhas. Um momento de cisão do que se espera do Mundo e o que ele te entrega, e o que fazemos do que foi dado.

A configuração do que decorre disso é sempre algo inédito para cada um de nós mesmos. Fracasso que traz maturidade, culpa que traz necessidade de se sentir presente. As possibilidades de mudanças nunca podem ser apontadas por nós mesmos, mas antes podem ser sentidas com o tempo em que mudamos com essas situações-limites. Retomamos de modo cada vez diferente a Imanência sempre que nos encontramos nesses suspiros pavorosos dessas condições de existência. Entretanto, tais situações fazem tão parte da vida quanto o ar que respiramos.

Condizente à esse modo, com a Transcendência possível nesse olhar para o abismo que se apresenta, também está situada outra possibilidade de Existenz colocada por Karl Jaspers, que resulta da reciprocidade comunicativa das pessoas. A noção de comunicação autêntica em Karl Jaspers não se reduz ao simples ato de transmitir informações ou estabelecer diálogo racional. Trata-se de uma relação existencial entre sujeitos, onde o outro deixa de ser percebido apenas como objeto, função ou instrumento, tornando-se presença legítima diante de mim. A comunicação autêntica ocorre justamente na abertura ao outro enquanto existência singular em um espécie de diálogo situado na inexistência de vencedor ou perdedor.

(...) Aquele sofrimento pela falta de comunicação e aquela satisfação única com a comunicação autêntica não nos deixariam tão consternados filosoficamente, se para mim mesmo em absoluto isolamento tivesse certeza da verdade. Mas eu sou apenas com os outros, sozinho não sou nada. (JÁSPERS, 2022, p. 42)

Nesse sentido, a comunicação autêntica possibilita a compreensão das situações-limite determinando-as como papel fundamental, pois frequentemente rompem as mediações cotidianas e colocam os indivíduos diante da vulnerabilidade, da culpa, da finitude e da necessidade de reconhecimento mútuo. A comunicação autêntica não elimina o sofrimento ou a contradição, mas permite que tais experiências sejam compartilhadas existencialmente, ao invés de apenas administradas tecnicamente.

Assim, devemos compreender que o Ser humano experiencia essas situações-limites à sua maneira e segundo suas condições, visto que o mesmo permanece em constante mudança histórico-social. Como apresentado pelo autor:

(...) o homem não pode ser concebido como um ser imutável, encarnando reiteradamente aquelas formas de ser. Longe disso, a essência do homem é mutação: o homem não pode permanecer como é. Seu ser social está em evolução constante. Contrariamente aos animais, ele não é um ser que se repete de geração para geração. Ultrapassa o estado em que é dado a si mesmo. O homem nasce em condições novas.

Embora preso a linhas prescritas, cada novo nascimento corresponde a um começo novo. Para Nietzsche, o homem é “o animal que jamais se define”. (JASPERS, 2021, p.54)

Por meio dessas abordagens, é compreensível afirmar que nunca finda nossa relação com essas situações-limites que perpassam a vida e trazem a possibilidade de enxergar no abismo algum tipo de humanidade que a razão não vê. A partir dessas situações fica claro que a tentativa da razão de dar sentido ao Mundo faz com que ele já não tenha mais tanto sentido, já que o que dá sentido ao Mundo são as consequências dos atos das pessoas e não a técnica, propriamente dita.

Para melhor assimilação, ousarei demonstrar em alguns exemplos interpretativos dos Modos Imanentes do Sujeito para análise das possibilidades de Existenz que neles estão contidas. Poderíamos usar um exemplo coletivo de situação-limite da sociedade atual, como foi a pandemia de COVID-19 e as consequências disso: o pavor, o isolamento, o luto coletivo, a mudança repentina de normas de saúde e o discurso político envolvido nisso, a ciência vista e requisitada como solucionadora do problema.

O que foi isso coletivamente e individualmente sentido e experienciado? O noticiário com um gráfico estatístico de mortes diárias no país inteiro difere do que se sente do anúncio da morte de um ente querido nessa mesma época. As mudanças causadas pelo que foi esse evento no Mundo afetou cada um à sua maneira e, também, a todos nós coletivamente, usando máscaras e álcool em gel como ação imediata de norma de saúde naquele período.

A relevância da Consciência-em-geral nesse momento de caos sanitário, a influência da opinião de pessoas em alto cargo político sobre o uso de automedicação não recomendada. As ideologias políticas em disputa pelo reconhecimento do discurso normativo que resolveria a situação. As religiões como acolhimento espiritual e explicação do todo pelo que se vivia naquela tensão por contextos próprios, além de outros aspectos e episódios vivenciados nesse período, hoje, histórico.

Diante dessas colocações, onde a Existência, a Consciência-em-geral e o Espírito, podem ser apontados representativamente aqui nesse texto dando um pouco mais de realidade para o que queremos discutir. E, não apenas dentro de um contexto único de cada Modo Imanente, mas deles conjuntamente agindo sobre o Mundo e sendo afetados por ele também.

1.2 - EXISTENZ NA LITERATURA

Podemos afirmar que essa situação-limite coletiva que foi a pandemia foi “superada” por meio da razão. Porém, no que essa situação-limite afetou individualmente a vida de cada um, a razão enquanto meio por si só não soluciona. Talvez, até atrapalhe. Sendo respectivamente neste mérito que o próximo exemplo aqui há de ser interpretado. Reconhecido pela cultura pop, tendo inúmeras adaptações recorrentes na mídia, o conto de Frankenstein, (1818), de Mary Shelley onde ela advoga sobre um ser inatural e suas condições de existência, além do contraste com seu criador que tenta por meio da razão superar um claro limite nosso, a morte.

A implementação de um gênero novo na literatura que surgia nessa época, ficção científica, adentrando sobre o horror que a ciência pode alcançar com seu progresso é uma das pautas que aparecem em Frankenstein e, é exatamente nesses inexplorados limites sendo contrariados que acredito que há uma interpretação interessante sobre as condições de Existenz das personagens de Victor Frankenstein e o monstro durante a obra.

A começar pelo contexto do personagem de Victor Frankenstein, um homem marcado pela perda da mãe, segue a racionalidade reconhecida de sua época, a medicina como caminho profissional, por vontade própria, por influência da família tradicionalmente serem da alta classe. Ao mesmo tempo que segue no caminho de grande prestígio da razão, Frankenstein busca nela algo além da própria função da medicina, a capacidade de recriar vida por meios artificiais.

Impulsionado pela curiosidade que guia tanto a ciência quanto a filosofia ele rompe por esse intuito com a tradição no momento que usurpa da integridade de cadáveres em prol de sua pesquisa.

Antes de chegar a um Victor pós-criatura e suas consequências, entendamos que conceder vida da maneira ilustrada na obra, a partir de cadáveres costurados em proporções maiores de órgãos para suprir uma fisionomia diferente, como o próprio título secundário da obra brinca, o Prometeu moderno.

No mito grego de Prometeu, dar o fogo, divino, aos homens acarretou punição para o benfeitor. Em vista disso, em assimilação, Frankenstein também dá o sopro da vida e, assim

como o titã grego, sofre seu castigo na narrativa por criar um homem além do limite comum, não-gerado. Assim, como era um dos objetivos da alquimia em fazer um Homunculus, que influencia o doutor Frankenstein no seu trajeto acadêmico. Pois, uma Existência enlutada como a dele influenciada pelo discurso da Consciência-em-geral objetificante da vida, um Espírito psicótico que se dogmatiza pela racionalidade de tal maneira que se acolhe na alquimia antiga como o máximo de misticismo ali para sua Existência.

Perante a todos esses pontos contingentes da persona de Victor, ele supera o limite e gera vida da morte. E, seu primeiro choque dessa situação-limite absurda que só existe na literatura, é que o ser ali, não nasce pronto apesar de já ser adulto, materialmente, pelo menos. A criatura “nasce” sem linguagem, sem tradição, sem fé, mas, já supera desde o início de sua Existência, a morte. E com o horror de criar a própria criação, o súbito abandono. Pontuando assim que Victor, mesmo tendo inúmeras possibilidades de transcender o trauma do passado sobre a mãe, se achar no meio acadêmico, viver o romance com sua prometida amada, a compulsão de Frankenstein pela racionalidade e sua intransigência a ceder, são tanto o estopim de sua tragédia como a pá de sua cova.

Prosseguindo adiante e consequentemente para a criatura, o foco desse texto. Como dito antes, ela nasce pronta para viver mas sem saber como, diferente de um bebê que não nasce pronto e não tem como saber ainda a viver.

As possibilidades da criatura são negadas desde o seu despertar, o abandono parental, a violência que sofreu na cidade e o horror que sentiam dele. Afugentado para a floresta onde o hostil lhe era mais dócil, onde, por meio da empiria, conhece o mais necessário e óbvio do ser: onde comer, o que comer, onde beber e onde se esconder para o repouso seguro.

Assim, com o tempo, aprendeu a linguagem, a abstração, tradição, amor, pobreza e fé. Entretanto, sem contato direto de comunicação, a criatura auxiliava os De Lacey com feitos que ajudavam a família na sua subsistência.

O bom grado sentido pela família de seus pequenos feitos lhe dão esperança de contato autêntico e pertencimento à sociedade. Sobretudo, com o patriarca dos De Lacey que era cego. Desta forma, quando lhe foi oportunizado estar diante do mesmo, para uma conversa a sós, a criatura receou ser julgada por sua figura grotesca.

Apelando dessa maneira, ao senhor De Lacey a sua integridade a ser defendida quando os outros chegassem, a sua Existência infeliz e inoportuna de horizontes. O velho cego encantado pela eloquência e sensibilidade do ser ali, desprovido da imagem como recurso significativo a essas questões, concede à criatura a oportunidade de comunicação autêntica.

Contudo o retorno dos outros familiares, abruptamente assustados pela aparência desfigurada do monstro perto do seu familiar toma conta da situação, por meio da violência verbal e física para com a criatura ao mesmo tempo que a expulsam da cabana. E, com medo do reaparecimento do mesmo, saem dali o mais rápido possível.

A criatura se vê no quase pertencimento, achava que pelo entendimento da razão poderia ser aceita na sociedade. Porém, seu corpo objetificado nunca seria aceito, independente de quão culto fosse para argumentar a favor de sua humanidade. Diante de tanto sofrimento que experimentou, a criatura põe fogo na cabana, não dando espaço ao retrocesso da família de morar ali, ou à simbologia de algum dia ser reconhecido pela sociedade.

Diante disso, ele finalmente busca suas origens, a fim de pelo menos ser aceito por quem o criou. Assim, como ouvia nas histórias de Adão e sua relação amorosa com Deus de quando conviveu com os De Lacey. Onde então, por meio de papéis que carregava consigo desde seus despertar, descobre que seu criador é Victor Frankenstein, e, por meio dos registros do experimento, ele vê que desde o início até o fim, sua animação e ganho de vida. Dessa forma, percebe que foi criado graças à obsessão de um homem que tinha nojo durante todo o processo de sua criação, e finalizando em um horror tão grande que culmina no seu abandono “prematureo”.

Ademais a tudo isso, o monstro no meio de seu exílio na região dos Alpes Suíços, avista uma menina se afogando no rio e a resgata, se sentindo bem e humanizado pela sua capacidade de ação altruísta. Resultando em uma retribuição de horror e violência perante sua figura.

Mediante a isso, a criatura compreende que ali e em todas as suas ações no Mundo sempre seguiram em sua exclusão, em fechamento de perspectiva de autenticidade e liberdade. Possibilitando dessa forma que sua única opção e saída seja o ato de confrontar seu criador, em busca de respostas a essas condições existenciais que o monstro passa sozinho.

Para não aprofundar excessivamente no livro, o que me interessa no romance são principalmente as condições controversas dessas duas personagens e o diálogo que se segue sobre o trato da noiva de Frankenstein.

-- Minha intenção é discutir racionalmente. Essa paixão me é perniciosa, pois você não se dá conta de que é a causa de toda a sua intensidade. Se algum ser tivesse por mim sentimentos de compreensão, eu o recompensaria um milhão de vezes; pelo bem dessa única criatura, eu faria as pazes com toda a humanidade! Permito-me, porém, sonhos de felicidade que não têm como ser realizados. O que lhe peço é que seja razoável e moderado; exijo uma criatura do outro sexo, mas tão horrenda como eu. A gratificação é pequena, mas é tudo o que posso ter, e hei de me contentar com ela. É verdade que seremos monstros, apartados do mundo, mas por causa disso ficaremos mais unidos. Nossas vidas não serão felizes, mas serão inofensivas e livres da angústia que agora sinto. Ah! Meu criador, faça-me feliz; deixe que eu me sinta grato a você por esse único benefício! Deixe-me ter a experiência de despertar a simpatia em algum ser existente; não me negue esse pedido! (SHELLEY, 2022, p. 153)

Em suma, desse diálogo e o contexto apresentado ao decorrer da obra podemos tirar do texto de Shelley, em termo jasperianos, que o homem racionalizado completamente nos Modos Imanentes do Sujeito no Mundo culmina no isolamento, na obsessão, e só vê a razão como meio a Transcendência. Sem abertura à comunicação autêntica ou ao real enfrentamento das situações-limites, limita-se à tentativa de instrumentalizar essas rupturas que aparecem na vida. Enquanto a criatura, um Ser feito sob o viés da razão, um Sujeito objetificado, fica num limbo existencial. Sem oportunidade de Existenz, não por demérito próprio, mas pelos outros, que não o reconhecem.

2 - SOCIEDADE DO CANSAÇO E O ESGOTAMENTO SUBJETIVO

As tensões observadas em Frankenstein não permanecem restritas ao romance de Mary Shelley ou ao contexto do século XIX. A instrumentalização da existência representada por Victor Frankenstein, assim como a objetificação sofrida pela criatura, encontram paralelos

significativos na contemporaneidade analisada por Byung-Chul Han, em sua obra *Sociedade do Cansaço*.

Em uma sociedade marcada pelo desempenho, pela produtividade constante e pela exigência de otimização contínua de si, o sujeito passa a relacionar-se consigo mesmo e com os outros de maneira progressivamente instrumentalizada.

Nesse contexto, a autenticidade deixa de aparecer como abertura existencial para tornar-se exigência performática. O sujeito contemporâneo deve constantemente demonstrar produtividade, felicidade, singularidade e capacidade de superação, mesmo diante de experiências negativas da existência. Assim, como Victor Frankenstein busca controlar e ultrapassar os limites da condição humana pela racionalidade técnica, o sujeito do desempenho busca gerir a própria existência como projeto contínuo de aperfeiçoamento. Entretanto, tal dinâmica frequentemente conduz ao isolamento, ao esgotamento e à incapacidade de elaborar autenticamente as situações-limite, assemelhando-se às situações vivenciadas pela criatura no romance de Mary Shelley.

Por outro lado, a criatura de Frankenstein simboliza uma condição igualmente presente na contemporaneidade, como citado acima: a do sujeito objetificado e impedido de reconhecimento. Ainda que desenvolva linguagem, sensibilidade e consciência de si, sua existência continua sendo reduzida à aparência monstruosa que o exclui do pertencimento humano. De maneira semelhante, o sujeito contemporâneo frequentemente encontra-se inserido em estruturas sociais que condicionam seu valor à funcionalidade, desempenho e adequação imagética, dificultando formas genuínas de comunicação e reconhecimento de identidades não-convencionais.

Esse diagnóstico da sociedade atual feito pelo filósofo Byung Chul Han é pertinente, pois, o que entra em quesito de análise é o quanto a racionalidade, instrumentalização do Mundo afeta o sujeito contemporâneo. Seja na sua relação consigo mesmo, psicológica, quanto na relação com o outro, social.

Perante a uma mudança ôntica que o filósofo afirma que passamos de uma sociedade do proibido sob o viés da disciplina imposta pelas estruturas, para uma sociedade baseada em performance, onde a liberdade está dada ao nível de desempenho que cada um emprega em sua própria existência. Desse modo, enquanto no passado a diferença era colocada sempre como excluída, por meio de preconceitos e instituições convergentes a isso, passamos a um paradigma

onde a diferença perde valor, em vista de que a valoração atual é a função e o desempenho dela. Obviamente, os preconceitos ainda existem no Mundo. Contudo, o tipo de violência vigente é interno e não mais exterior, como o exemplo de Michel Foucault sobre a loucura e a existência dos manicômios.

Os manicômios podem não existir mais, entretanto, a insanidade das pessoas que estavam ali ainda existe. Essas pessoas já não são mais exiladas da sociedade por seus diagnósticos, ao ponto de serem enclausuradas por serem diferentes. Porém, agora, nos exilamos para lidar internamente com as próprias diferenças.

Sendo assim, onde todos somos iguais por sermos diferentes, mas, que por meio do quão produtivo sou nas minhas diferenças, é um indicativo do quão autêntico, feliz também sou, ou pelo menos pareço.

Parece que a ideia de lucro e custos das contabilidades está inserido na psique, onde por administração temos que sempre sermos lucrativos, exímios da coisas da vida: no emprego, no amor, na família, na saúde psicológica e física. Tantas pendências para ser reconhecido como autêntico provêm do que o nosso filósofo sul-coreano caracteriza como excesso de positividade. Onde a negatividade ela mesma não tem espaço ou tempo para ser assumida, somente para ser superada, a ideia de excelência possível em todos os aspectos da vida, por implemento individual, tira a capacidade da negatividade enquanto ruptura, transformando o abismo em uma mera passagem à um maior desempenho pós-superação.

Consequentemente, podemos dizer que a negatividade não está colocada como possibilidade de mudança em aberto, mas como uma espécie de curso profissionalizante que agrega ao currículo da vida como certificado de produtividade.

Finalmente podemos dispor, agora sim, das nossas personas: Victor e sua criatura em frente a visão de uma sociedade 200 anos após sua primeira edição. Fazendo um comparativo do sujeito cansado e as disposições existenciais dos personagens de Shelley no sistema Jasperiano, começando pela possibilidade de comunicação autêntica, que, na ficção ilustrada de Shelley, já pode-se perceber os empecilhos disso na criatura e seu criador. O sujeito da Sociedade do Cansaço está armado de inúmeros recursos comunicativos, mas, por outro lado, está cansado demais pra se dispor a esse tipo de comunicação, já que ela não tem resultado produtivo. Além de que no contexto de redes sociais, o reconhecimento é limitado a uma lógica

de mercado de visualizações e engajamento. Reconhecimento enquanto produto, algo produzido para ser reconhecido, logo, nada autêntico.

Parece evidente que a existência de várias formas de comunicação abre espaço a mais possibilidade de lugares para a comunicação autêntica acontecer. Contudo, a sociedade parece também mais indisposta a isso do que no passado.

Prosseguimos então, finalmente, como evidenciam-se as situações-limites de Karl Jaspers numa sociedade excessivamente positiva. Sendo aqui a intercorrência que me motivou de fato ao trabalho desenvolvido: pensar nas derrotas que temos na vida, ontologicamente, com um enquadramento não totalizante com sua teoria. Evidenciando que a vida nas suas contradições abre espaço para constituir uma Existenz. A grande questão é: como fica subvertido essa configuração jasperiana do Ser para a autenticidade em relação ao Mundo que Byung Chul Han nos mostra?

O aumento das enfermidades que Chul Han descreve como evidência do adoecimento psíquico atual são, por exemplo: TDAH, Burnout, Borderline, entre outros. Como citado pelo autor:

(...) A violência da positividade não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva. Por isso é inacessível a uma percepção direta. A violência viral, que continua seguindo o esquema imunológico de interior e exterior ou de próprio e outro, e pressupõe uma singularidade ou alteridade hostil ao sistema, não está mais em condições de descrever enfermidades neuronais como depressão, TDAH ou SB. A violência neuronal não parte mais de uma negatividade estranha ao sistema. É antes uma violência sistêmica, isto é, uma violência imanente ao sistema. Tanto a depressão quanto o TDAH ou a SB apontam para um excesso de positividade. A SB é uma queima do eu por superaquecimento, devido a um excesso de igual. O hiper da hiperatividade não é uma categoria imunológica. Representa apenas uma massificação do positivo. (CHUL HAN, 2017, p.20)

Temos assim, nesses adoecimentos gerados pelo empreendedorismo de si mesmo, seja no quesito de diagnóstico tardio ou precoce, o uso da medicação de maneira resolutiva. Ao fim da mediocridade que um dia talvez fosse algo mediano e sem brilho, mas por agora somente falha. E, enquanto medíocre, infeliz, sem valor.

O fracasso parece que deixa de ser uma cifra a Transcendência em Jaspers, já que, no Mundo contemporâneo apontado por Han, o erro está posto como falta de performance

individual e, dentro desta lógica de mercado, a resolução desses problemas também já está dada pela técnica.

Medicamentos a neuro divergências, academia para saúde, coaching de renda extra à deixar de ser adúltero. O conserto das mediocridades das pessoas está resolvido pelo próprio discurso normativo da imanência que o causa, reduzindo a felicidade a uma meta a ser batida individualmente, independente de alguma interação com o outro.

O vir-a-ser perde propósito e lugar num Mundo tão objetificante assim, seja do nosso corpo ou mente. O discurso dessa sociedade performática e cansada, mas sobretudo positiva, poderia ser contemplado aqui nos Modos Imanentes do Sujeito de Jaspers um a um, conjuntamente, porém, é muito arbitrário fazer isso.

O que gostaria é uma tentativa mais clássica na abordagem, como os textos distintos de Platão tanto por sua forma teatral de escrever como na utilização de mitos, representações matemáticas ao começo de um esclarecimento ou espanto. Por isso, a tentativa de usar representações da literatura para explicar previamente os Modos do Sujeito.

São confiscadas, por fim, as possibilidades de Transcendência ou Existenz nas situações-limites de um sujeito contemporâneo que, por instrumentalizar a vida, não tem mais espaço para a negatividade.

Enfim, o desemprego é uma situação de fracasso, certamente, mas não é dela que estou querendo falar. Da dupla jornada, renda extra, talvez. Transformações sociais de maneira que possibilitem a uma sensação da saída da miséria, ou falta de renda é culpa meramente individual ao esforço compelido no labor que foi insuficiente. Trabalhar mais, como solução às precariedades conjunturais do nosso tempo. A tentativa de transpor essa condição individualmente é exaustiva ao nível de gerar Burnout, como apontado por Han.

A crescente positivação da sociedade enfraquece também sentimentos como angústia e luto, que radicam numa negatividade, ou seja, são sentimentos negativos. Se o pensamento mesmo fosse uma “rede de anticorpos e de proteção imunológica natural”, a ausência da negatividade transformaria o pensamento num cálculo. Possivelmente o computador conte de maneira mais rápida que o cérebro humano, e sem repulsa acolhe uma imensidão de dados, porque está livre de toda e qualquer *alteridade*. É uma máquina positiva. Justo por causa de sua autorrelação autista, por causa da falta de natividade, o idiot savant gera aqueles desempenhos que só seria capaz de realizar uma máquina computacional. No empuxo daquela positivação geral

do mundo, tanto o homem quanto a sociedade se transformam numa *máquina de desempenho autista*. Poderíamos também dizer que precisamente o esforço exagerado por maximizar o desempenho afasta a negatividade, porque essa atrasa o processo de aceleração. Se o homem fosse um *ser da negatividade*, a total positividade do mundo teria um efeito que seria nocivo. Segundo Hegel, é precisamente a negatividade que mantém viva a existência. (HAN, 2017, p. 55-57)

A tentativa de transpor esse fracasso rechaçante do Mundo Imanente sobre nós, puramente por uma lógica de performance é enlouquecedora. Agradavelmente, indo além dessas conjunturas do labor insuficiente atual, pensemos também nos outros “fracassos” não tão comuns a todos, eu espero pelo menos.

Gostaria de abordar o sujeito que ora antes foi um pesadelo de Shelley que a inspirou a pensar nos limites do homem em criar e do homem-criado em relação a que se o sujeito atual aborda a vida de tal maneira que busca excelência ininterrupta em todos os aspectos de sua Existência, compele também, nos outros Modos Imanentes do Sujeito. Mas, que não necessariamente seja a melhor, somente, parecer é o suficiente.

E cá chegamos ao ponto de que podemos dispor de alguns exemplos de performances desses modos: o caso de dimorfismo nas academias, em que alguns recorrem a usar anabolizantes à procura do resultado de serem maiores ou melhores. Fisionomicamente deuses gregos, mas, biologicamente, comprometem seus corpos com problemas renais, coração gigante, depressão entre outros, débitos do abuso. Talvez, um caso à parte do discurso performático-positivo permeando na Consciência-em-geral, no Espírito e na Existência pode nos fazer pôr a vida em risco.

Pensando diferente desse exemplo corpóreo e estético, temos o jovem místico que abarca em inúmeras espiritualidades divergentes a uma maior conscientização espiritual sobre sua vida e sociedade em geral. Porém, ao abarcar tantas narrativas, nenhuma constitui como sua, já que existencialmente ele não está pleno nelas mas somente nos benesses que elas trazem ao Espírito. Até porquê, invalida também que as religiões tenham narrativas negativas, como é o caso dos mitos escatológicos; Apocalipse; Ragnarok; ou a queda do Céu. Independente da vertente, a existência de narrativas negativas na religiosidade tem sua função.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, as competências que nos auto estipulamos pelas composições do nosso tempo acelerado, depressivo, mas positivo, aparentemente não abrem espaço para a ruptura que a negatividade causa nas situações-limites que perpassam o Sujeito completamente. De tal forma que suas origens, base de conhecimento, imaginário e convicções de fé sobre o Mundo ou sobre a vida não são suficientes para lidar com a situação.

Mas que somente você pode passar por isso e se reinventar, se acomodar, se sabotar a respeito da sua própria existência. Como responder a uma tragédia que aconteça com os seus familiares? Fim de um relacionamento com culpa e desentendimentos envolvidos. O exemplo do desemprego se agrava quando tem uma família a ser sustentada. E, por mais que existam hoje em dia artifícios que ajudem nisso, existe um limite do quanto a psicologia, psiquiatria e até mesmo o coaching podem fazer com suas técnicas. A mudança em nós não vem da técnica, mas sim do sujeito que a utiliza e como a utiliza em sua própria vida.

Esse embate existencial, sem prorrogação há de acontecer e, aqui ficamos num dilema, onde, ontologicamente, Jaspers vê a necessidade do olhar ao abismo para o encontro da autenticidade do Ser.

Enquanto Chul Han demonstra que atualmente vivemos um Mundo mais ansioso, mais triste, mais cansado mas sobretudo, mais positivo a tal ponto que subverte a negatividade da vida a ser superada por uma performance positiva, e assim, olhar para o abismo de maneira indiferente.

Chegamos a uma disposição onde produzimos em nós mesmos a racionalização enlouquecedora de Frankenstein e o experimento de superarmos a humanidade medíocre enquanto criatura também, em nós mesmos como projeto de autenticidade. Isso tudo, num processo positivo, mas que talvez, como mostra o próprio caso literário, que, tudo que advém daí foi uma tragédia e a síntese disso apenas.

Assim, abandonaremos a nós mesmos, quando chegarmos ao fim dessas implementações performáticas e ficarmos de cara com o monstro? Ou será que ainda temos tempo de sermos negativos de verdade e ver na fragilidade, efemeridade da vida, a liberdade que vem da responsabilidade de admitir o peso de sua própria existência, não como projeto

empresarial que tenha que resultar em lucro, ou, sequer resultar em alguma coisa, mas apenas como possibilidade de ser: o vir-a-ser?

Ao passo que não readmitir o peso real das coisas negativas gradativamente com o tempo, a autenticidade fica posto como formulário de quão diferentemente produtivo você é. E, posto isso em pauta, para onde devemos ou desejamos seguir enquanto Ser/ sociedade?

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

JASPERS, Karl. *Caminhos para a sabedoria: uma introdução à vida filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2022.

JASPERS, Karl. *Filosofia da existência*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. 18. reimp. São Paulo: Cultrix, 2021.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.